

5. Encontrar o tesouro no campo

O tesouro da oração está escondido no campo da nossa comunidade, da nossa oração comunitária, da nossa oração eclesial. Se se compreende isto, se compreende quase tudo, porque se aprende como somos formados para a oração e como a oração pode e deve ser reacendida em nós, todos os dias, “sete vezes ao dia” (Sl 118,164; RB 16,1), e sempre. Por vezes temos a impressão de que a comunidade não nos ajuda a rezar, que sozinhos rezaríamos muito melhor. Talvez rezássemos melhor, mas não aprenderíamos a rezar como Jesus nos ensinou e nos ensina. Não aprenderíamos o “nós” de cada invocação do Pai Nosso, e isto limitaria o nosso acesso ao Pai, porque o Deus de Jesus Cristo é um Pai “nosso” e não apenas “meu”.

Se não aprendermos isto, a oração não nos faz crescer no amor, nem de Deus nem dos nossos irmãos e irmãs. O amor fraterno não nasce de nós, mas é a resposta do Pai aos seus filhos que juntos oram a ele. Como no Cenáculo de Pentecostes: a oração dos discípulos, unidos a Maria, criou o espaço sobre o qual o fogo do Espírito Santo de Deus desceu, e imediatamente a comunhão em oração tornou-se comunhão no amor. A primeira imagem com a qual os Atos dos Apóstolos descrevem a comunidade cristã mostra-nos como uma comunidade reunida em oração: “Todos eles foram perseverantes e concordes na oração, juntamente com algumas mulheres e Maria, a mãe de Jesus, e os seus irmãos” (At 1,14). Depois veio o Pentecostes, o dom do Espírito, em resposta à sua oração. Só depois de Pentecostes é que a comunidade orante é descrita como uma comunidade fraterna que compartilha tudo: “Todos os que tinham abraçado a fé reuniam-se e punham tudo em comum: vendiam suas propriedades e bens, e dividiam-nos entre todos, segundo as necessidades de cada um” (At 2,44-45). “A multidão daqueles que se tinham tornado crentes era de um só coração e uma só alma, e ninguém considerava o que lhe pertencia como sua propriedade, mas entre eles tudo era comum” (At 4,32).

É importante ser atentos como a comunidade primitiva foi formada, porque só assim é que as nossas comunidades também podem ser formadas e, sobretudo, reformadas. Vemos ao longo do Novo Testamento, e depois sempre na história da Igreja e das Ordens religiosas, que da unidade da oração que acolhe o Espírito nasce a unidade na caridade fraterna. É inútil inverter os processos: se não começarmos e recomeçarmos a partir da oração em comum – mas de uma oração que verdadeiramente suplica a graça, que verdadeiramente nos faz permanecer como mendigos perante o Pai, como Jesus – não podemos pretender que as nossas comunidades se tornem comunidades de irmãos e irmãs que se amam e portanto, atraíam o mundo para Cristo. Não é suficiente que a nossa oração atraia vocações, e talvez por isso seja exteriormente bela: a nossa oração deve atrair o mundo inteiro para Cristo, e por esta razão deve ser interiormente verdadeira, interiormente pobre e suplicante, ou seja, deve antes de tudo, atrair Deus para nós. Não começamos todas as horas diárias do Ofício Divino com as palavras do Salmo 69 que suplica: “Vinde, ó Deus, em meu auxílio! Socorrei-me sem demora!”? A unidade de oração atrai o Espírito Santo, e a unidade fraterna atrai o mundo a Cristo, ou seja, permite a nós mesmos e à humanidade encontrar o tesouro da vida, aquilo pelo qual vale a pena viver e dar a vida: o próprio Jesus Cristo.

Aqui tocamos o cume da oração cristã sobre o qual desejo meditar brevemente no final do nosso Curso. Se a oração procura o tesouro do céu escondido no campo da vida comunitária, em que consiste a alegria de encontrar o tesouro, de encontrá-lo depois de ter escavado na terra que o escondia?

O próprio Jesus nos fez compreender claramente que o cume da nossa oração em comum é Ele mesmo. Isso Ele nos ensina numa passagem fundamental do Evangelho segundo Mateus: "Em verdade ainda vos digo: se dois de vós estiverem de acordo na terra sobre qualquer coisa que queiram pedir, isso lhes será concedido por meu Pai que está nos céus. Pois onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, ali estou eu no meio deles" (Mt 18,19-20).

A presença de Cristo em nosso meio quando nos reunimos em oração, quando nos reunimos para pedir qualquer coisa ao Pai, é o tesouro escondido que somos chamados a descobrir com alegria. "Ali estou eu no meio deles", disse Jesus. Onde? Cristo está presente no nosso orar juntos ao Pai, Ele está presente na oração que fazemos juntos. Estar reunidos em seu nome e estar reunido para rezar ao Pai parece ser a mesma coisa. Para o Pai, o nome de Jesus é como uma "recomendação" absolutamente convincente e irresistível. É o nome do Filho no qual o Pai se regozija sem medidas, como Deus o disse depois do Batismo de Jesus e no Monte da Transfiguração: "Este é o meu Filho, o amado: nele me comprazo" (Mt 3,17 e 17,5).

O tesouro que procuramos e encontramos no campo da oração comum da Igreja é Cristo, o Filho predileto de Deus, que atrai sobre nós, por estarmos unidos a Ele, a predileção do Pai. E a predileção do Pai é o dom do Espírito Santo, a pomba do Paráclito que nos enche dos seus dons: "amor, alegria, paz, magnanimidade, benevolência, bondade, fidelidade, mansidão, domínio de si" (Gal 5,22), dons que descrevem as qualidades de uma vida fraterna humilde e caridosa, cheia de atenção e misericórdia uns para com os outros.

O fruto da oração é ao mesmo tempo filial e fraterno, é uma identificação com Cristo que nos une aos irmãos e irmãs da nossa comunidade e a toda a humanidade. O fruto da oração vivida na verdade e na fidelidade é, ao mesmo tempo, místico e eclesial porque consiste na união com Cristo, o Esposo da Igreja. É uma união fecunda, como qualquer união esponsal, que gera em nós e entre nós os filhos de Deus que vivem como irmãos. É uma união que nos faz sentir familiares, como São Bernardo e tantos místicos e místicas, o ardor expresso no Cântico dos Cânticos, mas também a paixão missionária dos escritos apostólicos do Novo Testamento.

Colocar a nossa vida ao serviço desta oração enche-nos de alegria radiante, porque o tesouro é simultaneamente uma intimidade profunda com Jesus Cristo e um "coração dilatado" para as dimensões do mundo, apaixonado pela salvação de todos os homens. A Igreja é sempre renovada, e as nossas comunidades com ela, quando permitimos que o fogo do Espírito acenda em nós e entre nós o amor por Cristo e o amor de Cristo, isto é, um coração que arde de paixão por Jesus e da Sua paixão pela salvação do mundo inteiro.